

## As crônicas de Edmilson Caminha sobre Drummond

Wilson Pereira

A leitura de boas crônicas sempre me trouxe muito prazer. Desde que conheci Rubem Braga, tornei-me um ávido e contumaz leitor do gênero. O prazer que me causa uma bela crônica é, à falta de melhor comparação, mais ou menos como o que sentia o menino quando subia num pé de jabuticaba carregado das dulcíssimas frutinhas, no quintal da fazenda escondida lá no fundo do passado.

Pois bem, fica valendo a comparação: para mim as letras e palavras de uma crônica que me encanta são jabuticabas. Ao degustar as letras e palavras, essas frutas de pele negra que vou apanhando da página, saboreio o seu miolo, a polpa de neve e mel, mas às vezes engulo até as sementes e as cascas.

O prazer que gozo com a leitura de uma crônica pode não ser maior do que com a leitura de um poema, mas é diferente. O bom poema às vezes é sisudo, senão arrogante, exigindo-nos uma atenção e uma reverência submissa para decifrar-lhe as intenções ocultas. O poema, quase sempre é um dissimulado. Não é comum encontrem-se poemas com jeito de menino amigo querendo brincar, ou com ares de tio divertido e carinhoso, como são os de Mário Quintana. Já a crônica flui com a naturalidade, a transparência e o frescor de águas de riacho que correm remotas no fundo do quintal da fazenda de minha avó.

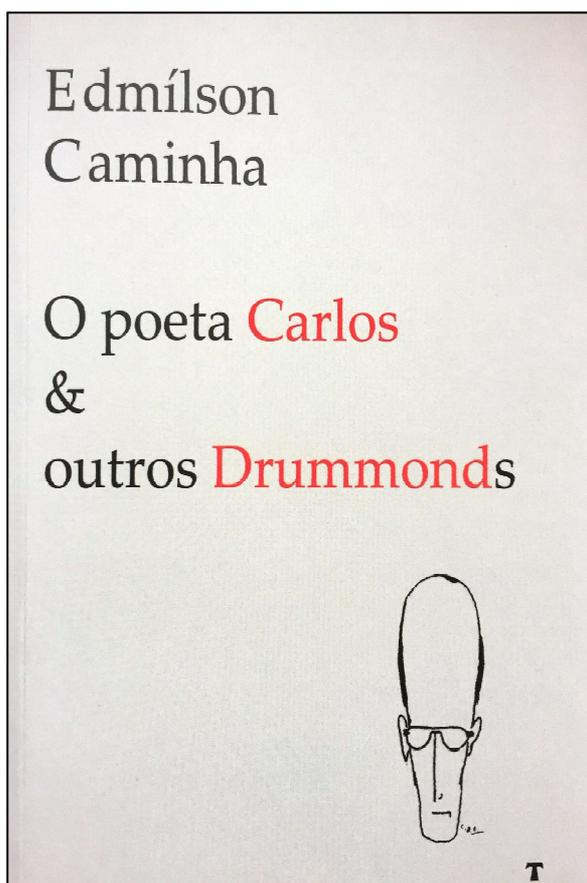
Quando a crônica, além de muito bem escrita, versa sobre o poeta maior, Carlos Drummond de Andrade, também exímio cronista, aí, então, o sabor é ainda mais intenso. É o que estou sentindo com a leitura das crônicas de Edmilson Caminha, reunidas no livro *O poeta Carlos & outros Drummonds*. Estou como um menino antigo, - para usar expressão que dá título a um dos livros do poeta itabirano -

num pomar de variadas doçuras.

Além de bem elaboradas, numa linguagem fluente e elegante, as crônicas de Edmilson trazem informações precisas e preciosas sobre o poeta e, também, sobre pessoas que privaram de sua intimidade e de sua amizade, principalmente os familiares e alguns escritores. Assim, os textos revelam fatos e situações da vida pessoal de Drummond, homem afável, de vida simples, dedicada à convivência familiar. Mostram dele uma personalidade sincera, avessa a bajulações, indiferente aos eflúvios e aos arroubos da fama. Talvez a grandeza interior e a sabedoria de que a obra fala por si mesma dispensasse a necessidade de autoafirmação. Isso, aliás, é característico de poetas medíocres, que

costumam se vangloriar, para compensar a falta de talento.

Mas há, também, neste livro, importantes informações sobre a atuação do escritor e sobre sua obra, como a correspondência que manteve com alguns escritores, com destaque para as cartas que trocou com Mário de Andrade. E ainda sobre o que se produziu em discos e em outras formas de gravação de seus poemas por diversos atores e músicos. Na crônica "Drummond pelo vasto, vasto mundo" (p. 115), Edmilson nos oferece uma detalhada relação das traduções que se fizeram, mundo afora, do poeta brasileiro. Trabalho de um pesquisador cuidadoso, que pode interessar aos estudiosos e admiradores do autor de *Claro Enigma*.



O cronista e estudioso de Drummond menciona, também, a incursão do poeta no tema do futebol ("Gol de Drummond", p. 111), assunto ao qual dedicou muitas crônicas. E me deu a alegria de saber que o poeta torcia pelo Vasco da Gama, meu time do coração, desde a tenra infância, apesar dos percalços que o Gigante da Colina tem enfrentado ultimamente, para meu desgosto, e de toda a sua grande torcida.

Edmilson dedica reverência especial, na crônica "Grande Manolo" (p. 61), além de citações em vários outros textos, a Manuel Graña Etcheverry, intelectual e escritor, genro de Drummond e tradutor dos poemas do sogro, principalmente para a língua espanhola. Aliás, segundo EC, o poeta considerava Manuel Etcheverry seu melhor tradutor.

Por fim, Edmilson Caminha ainda provoca em nós uma pontada de inveja pela convivência amistosa que manteve com o poeta, com um encontro pessoal (Drummond o recebeu em sua casa) e a troca de correspondência. Páginas primorosas são as que se referem à entrevista que o autor do livro em foco fez com o poeta, que raramente concedia tal honra a jornalistas. Chegou a negar, como informa EC, entrevista à Revista Veja. As respostas dão mostra da consciência e da responsabilidade do poeta em relação ao seu ofício de escritor.

As crônicas de *O poeta Carlos & outros Drummonds* são verdadeiras lições de vida e de literatura sobre o maior poeta brasileiro. Concluída a leitura, saímos com a sensação de ter participado de um curso ministrado, com humor, leveza e profundo conhecimento, por um emérito professor de relações humanas e de belezas poéticas.

**Wilson Pereira, associado da Associação Nacional de Escritores, é poeta, contista, cronista, ensaísta e autor de livros infanto-juvenis.**

## Quanto Vale?

Rosani Abou Adal

Com tantas tragédias acontecendo no Brasil e no mundo, nossos corações ficam, também, envoltos na lama que invade nosso País e o Planeta.

Para que tantas mortes desnecessárias de homens, animais, da flora, fauna e dos rios?

Andreia Donadon Leal, conforme texto QUANTO VALE, MINAS? (E a história se repete), publicado na página 4 dessa edição, nos faz refletir sobre o quanto vale nosso Planeta, nosso País e a vida de todos os seres.

Pelo visto não devem valer nada para os gananciosos que comandam o poder econômico no mundo. Vale tudo em se tratando do enriquecimento dos seus próprios bolsos.

Rejeitos de lama destruindo a vida de homens e animais, suas famílias e casas; devastando cidades, planícies, planaltos, rios e mares.

Incêndios terminando com os sonhos e as vidas de quem ainda deu poucos passos.

Bombardeios destruindo cidades, mutilando crianças e homens, deixando mães e filhos órfãos.

Não podemos nos esquecer da fome que invade as barrigas de milhões de seres em todos os continentes; bem como das balas perdidas e daquelas com tiro certo.

Quanto vale a vida de pessoas e animais que são sacrificados, diariamente, em todos os rincões do Brasil e no mundo?

Quanto vale?

A vida? O Planeta? O País? A ganância do poder econômico?

Sem mais palavras, apenas um minuto de silêncio.

Rosani Abou Adal é escritora, poeta, jornalista, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo. [www.poetarosani.com.br](http://www.poetarosani.com.br)

### LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 120,00  
Semestral: R\$ 60,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil - Envio de comprovante, com endereço completo, para o email [linguagemviva@linguagemviva.com.br](mailto:linguagemviva@linguagemviva.com.br)

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

### LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - [www.linguagemviva.com.br](http://www.linguagemviva.com.br)

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal  
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - [www.xavierdelima1.wix.com/xavi](http://www.xavierdelima1.wix.com/xavi)

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores  
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

## PENTEADEIRA

Raquel Naveira

Restaurou a antiga penteadeira, com o espelho de cristal bisotado e a banqueta de couro, que ficava no quarto dela, a sua mãe. Muitas vezes a filha a viu frente ao espelho, que lhe parecia baço, coberto de pó. A mãe abria potes de cremes, passava unguentos, o rosto lambuzado de grumos. Que esperava encontrar naquelas geleias? Juventude eterna? Mucos verdes escorriam em sua pele. Havia frascos de perfume, meio abertos, violentos, exalando odores fortes em estranha alquimia.

Quando o sol batia na penteadeira, quase na hora do crepúsculo, o torpor morno aquecia as essências e a filha tinha vontade de chorar. A mãe envelhecia tristemente. Algo acontecera no passado dela que a tornara tão vulnerável. Não conseguia envelhecer com graça e se satisfazer com o florescimento da filha, ao contrário, corroía-se de ciúme e inveja.

A princípio, quando pequena, a filha a considerava uma rainha, a mulher mais bela do mundo, enquanto a mãe confirmava seu encanto no espelho mágico da penteadeira. A mãe ajeitava as mechas louras, passava lápis preto ao redor dos olhos claros. Mirava-se de longe e de perto como se o espelho fosse a superfície da água e ela uma espécie de Narciso. Sim, Narciso, aquele rapaz da mitologia grega, objeto da paixão de ninfas e mortais, mas insensível ao amor. Ao abaixar-se numa fonte para saciar a sede, olhou seu reflexo. Ficou seduzido pela própria beleza. Indiferente ao mundo, apaixonada por si mesma, a mãe se inclinava sobre sua imagem com meneios do corpo, projetando para a frente os seios alvos de flor.

O espelho da penteadeira brilhava, quando a mãe perguntou: "Minha filha é mais bonita do que eu?" O espelho respondeu com a voz da filha: "- Ela é mil vezes mais linda." A mãe se enfureceu: "- Minha filha tornou-se uma ameaça. Preciso devorar seu coração, ter

um comportamento semelhante ao dela, competir. O pai sempre foi um fraco, ambivalente, um sumido no mundo. Não adiantará ela tentar fugir, penetrar florestas. Tenho poder sobre ela, reaparecerei em sua vida em todas as fases, em todas as circunstâncias, em todas as noites de lua, quebrando caixões de vidro, imobilizando-a com cintos apertados de fitas, cravando pentes

pontiagudos e venenosos em sua cabeça. Ela é da mesma matéria que eu, do mesmo sangue, da mesma árvore, da mesma vaidade, da mesma atração, da mesma fraqueza humana. Destruirei sua paz interna, devastarei, dividirei com ela a

maçã branca e vermelha do desejo maduro até o fim, até calçar sapatos de ferro e sair dançando em direção ao abismo, até o renascimento, até nossos ossos virarem um punhado de cal e neve."

Sentada no banco de couro da penteadeira, a filha observa o espelho numinoso com o terror que inspira o autoconhecimento. Relembra o nostálgico poema de Cecília Meireles: "Eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, triste, magro, nem os olhos tão vazios e o lábio amargo. Em que espelho ficou perdida a minha face?" Tantos anos se passaram... Como elaborar um conflito que a consome há séculos? Um dilema de mulher? Bem que um duque grisalho tentou protegê-la, arrancar em vão de sua boca o pedaço da maçã que a sufoca. Ela lhe disse: "- Perdoe-me. Não posso me libertar de minha raiz. Agora vemos por esse espelho realidades invertidas, enigmas, mas um dia veremos tudo face a face."

Restaurou a antiga penteadeira. Dentro do espelho, um espírito em forma de máscara, rodeado por fumaça e fogo, continua falando a verdade.

Raquel Naveira é Doutora em Língua e Literatura Francesas pela Universidade de Nancy (França), Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP e vice-presidente da Academia Sul-Matogrossense de Letras.



www.elo7.com.br

# GRAVIDADE DAS XANANAS E A GRAVIDADE DA EXISTÊNCIA

Mirian de Carvalho

**E**m Gravidade das Xananas (Editora Penalux, 2019), a partir do poema "Ensinamentos Sobre a Solidão" - emblemática abertura conduzindo aura de grande epígrafe -, Diego Mendes Sousa inicia percurso de visita afetiva a acontecimentos do dia a dia, à terra natal e aos desígnios do coração diante do inexorável na existência.

Nessa caminhada de viajante da alma, em busca da plenitude e dos vazios causados pela passagem do tempo e pelas lonjuras, emerge extenso e enigmático cenário de acontecimentos enraizados nas expectativas humanas, que, no livro, compõem dois núcleos temáticos: Na lanugem da flor silvestre e Messes selvagens da flor.

Nos poemas reunidos em Na lanugem da flor silvestre, Diego apresenta seu livro de ensinamentos. Em verdade, de modo implícito, Diego apresenta um livro de aprendizados, que abarcam vários tópicos - tristeza; velhice; juventude; amor; solidão; felicidade; melancolia; esperança. Entre muitos outros temas que se entrelaçam em Na lanugem da flor silvestre, o poeta inclui a morte, a vida e o tempo. E assim, entre evasão e promessas do tempo, ante as surpresas do coração batendo ao fluxo do sentir, Diego prossegue e convida o leitor a visitar segredos aos ofícios das xananas, no segundo núcleo temático do livro: Messes selvagens da flor.

Em Messes selvagens da flor, ainda que não nomeados como ensinamentos, os poemas subsumem pedagogia lírica atrelada ao aprendizado da vida e subcrevem perguntas implícitas, que, através de outras imagens, se diversificam e retomam, sob vários aspectos, temáticas abordadas na primeira parte do livro. Ao curso da leitura, crescente trama envolve e entrelaça ensinamento e aprendizado e, assim, a gravidade dessas flores surpreende o olhar e a pele do leitor, ou melhor, o corpo inteiro, a vivenciar através dos poemas experiências do tempo da vida. Ex-



periências da vida diante do tempo. E diante da morte.

Embora os poemas reunidos no livro tangenciem o lado trágico do existir, presente-se que as xananas resistem. Não se entregam. Nascem. Renascem. Amam. As xananas amam ao ritmo da vida, que se faz substrato dos versos de Diego, entre o drama e os limites da finitude e da infinitude. E, desafiando esse drama e esses limites, nessas amoráveis xananas sobrevive certo espírito insuflado por Eros:

(...)  
*onde as xananas são corpos,  
onde a fêmea é a xanana,  
onde o isolamento é potestade  
e o macho é outra xanana.  
Ah, xananas mundanas!  
recolhidas nas manhãs.*

E, seguindo destino que as cerca de gravidade e leveza, as xananas da Parnaíba saem mundo a fora, espalhando sementes de poesia ante a calma conturbada gravidade da existência, que se anuncia esperançosa nas manhãs dessas flores abertas ao mundo.

SERVIÇO:

[www.editorapenalux.com.br/loja/gravidade-das-xananas](http://www.editorapenalux.com.br/loja/gravidade-das-xananas)

Diego Mendes Sousa:  
[diego\\_mendes\\_sousa@hotmail.com](mailto:diego_mendes_sousa@hotmail.com)  
(86) 99451-5454

**Mirian de Carvalho é escritora, professora da UFRJ, poeta, ensaísta, crítica de arte e membro das Associações Brasileira e Internacional de Críticos de Arte.**

## POBRES DE TÃO PRETOS...

(Pobre prosinha poética panfletária, escrita no calor da hora)

Emanuel Medeiros Vieira

Pobres de tão pretos  
e pretos de tão pobres

Os documentos serão todos ultrassecretos, que se danem os órgãos de controle, parentes de políticos não poderão ser mais investigados.

O deputado ameaçado renuncia antes da posse: quer viver.  
E uma violência devastadora contra a democracia vira piada nas redes.

O ex-moralista ministro da Justiça, se cala (envergonhado?), se esfarela - está no liquidificador.

Sua ética era seletiva

E o rebanho foi atrás das "Fake News", do candidato "decente".  
Na "internet democrática", o idiota da aldeia, toma-se oráculo.

E proclama:

"Abaixo a inteligência! Viva a morte!"

Para os que pensam, a fogueira está acesa.

"Meio ambiente?"

Balela!"

A cara é a mesma: escravocrata.

O rio se chamava Doce

e era amargo,

agora o nome é outro.

(O rompimento da barragem de Brumadinho liberou 13 milhões de metros cúbicos de rejeitos que entraram no rio Paraopeba.)

A lama escorre, passando por cima de brasileiros que nem nós

A lama na cara de "nuestra" América

A tragédia se repete como farsa

(ou tragédia novamente?)

E as desculpas são as mesmas,

à espera de outras barragens que serão rompidas e esquecidas.

**Emanuel Medeiros Vieira é escritor, poeta, crítico e membro da Associação Nacional de Escritores.**

## Sebo Brandão São Paulo

Novo Endereço para melhor atendê-lo:

**Rua Conde do Pinhal, 92 -  
ao lado do Fórum João Mendes**

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -  
[sebobrandao@gmail.com](mailto:sebobrandao@gmail.com) - Face: Sebo Brandão São Paulo  
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>

# A DEGOLA

Enéas Athanázio

“...mas é bicho mau, o homem!”  
(Simões Lopes Neto)

**N**os meus tempos de advogado em São Si-  
mão, assuntos da profi-  
ssão me levaram até um frigorífico  
instalado em distante cidade de nos-  
so interior. Estabelecimento peque-  
no, ainda usava métodos rudimen-  
tares, mas gozava de renome na  
região e tinha considerável produ-  
ção.

O gerente me aguardava no  
portão e caminhei com ele por uma  
calçadinha lateral que levava aos  
fundos do prédio pintado de um ver-  
melho fosco. Numa espécie de  
telheiro tinha lugar o início do pro-  
cesso de produção e enquanto con-  
versava com o homem sobre as ra-  
zões de minha visita fui observando  
o que lá acontecia.

Suspensão do teto havia um lar-  
go anel de metal brilhante que me  
pareceu de aço. Dele pendiam cer-  
ca de vinte dispositivos que seme-  
lhavam grandes funis com os tubos  
ou bicos voltados para o chão. Em  
cada um deles estava sendo colo-  
cado um frango vivo, ainda novo,  
com as cristas nascentes muito ver-  
melhas. As pernas ficavam voltadas  
para cima e os pescoços e cabeças  
surgiam por baixo, através dos bi-  
cos dos funis, de forma que os cor-  
pos ficavam entalados e sem movi-  
mento. Os pescoços e cabeças pen-  
dentes, movendo-se em todas as  
direções, constituíam um espetáculo  
estranho. O conjunto lembrava  
um carrossel com as figuras vivas e  
voltadas para baixo, sem luzes e sem  
música. Ficava a impressão de que  
as pobres aves buscavam uma ex-  
plicação para tão insólita postura.

Acionada uma chave, o anel  
metálico começava a rodar em ra-  
zoável velocidade. Surgia, então,  
uma espécie de navalha de lâmina  
larga e afiadíssima que ia decepan-  
do aqueles pescoços, um a um, com  
extrema rapidez e eficiência. A sur-  
presa impedia qualquer pio, quan-  
do muito algum gruolejo sanguino-  
lento. Com o impacto, os pescoços  
decepanados saltavam para um piso  
ladrihado de branco, muitos deles  
ainda se contorcendo nos estertores  
da morte. As cabecinhas saltitantes,  
com suas cristas vermelhas e olhos



mercyforanimals.org.br

esbugalhados ainda pareciam vivos,  
indagando perplexas o que havia  
acontecido e sem perceber que es-  
tavam irremediavelmente mortas.

Munido de uma espécie de  
rodo, um garoto empurrava com  
absoluta frieza aqueles restos fúne-  
bres para uma valetinha cuja água  
corrente os conduzia a um imenso  
tacho. Nele, com outros ingredien-  
tes, se transformariam em grossei-  
ro sabão de barras.

Enquanto isso, o círculo metá-  
lico fazia uma parada, esperando  
que o sangue das aves sem cabe-  
ça vertesse para o solo e dali, atra-  
vés de um cano, escorresse para  
outro local onde, com certeza, seria  
aproveitado. Depois voltava à posi-  
ção anterior. Mãos ágeis e experi-  
entes retiravam dali os cadáveres  
ainda quentes e talvez pulsantes e  
os levavam para um compartimento  
vizinho. Apanhados num cercadinho  
próximo, outros frangos vivos toma-  
vam o lugar dos mortos e os pesco-  
ços não tardavam a surgir por baixo  
dos grotescos funis. E então tudo  
recomeçava.

Não consegui acompanhar a  
segunda rodada. Com uma bola no  
estômago, os olhos turvos, afastei-  
me pela calçadinha lateral. Todo o  
sangue deve ter fugido de minhas  
faces porque tanto o gerente como  
os funcionários me fitavam com  
olhares irônicos. Chegando ao  
portão, contemplei os morros  
verdejantes que cercavam a cidade  
e mirei o céu azul sem nuvem. Res-  
pirei fundo e embarquei no carro,  
deixando inconcluso o assunto a ser  
tratado.

Durante longo tempo não con-  
segui ingerir carne de frango ou de  
qualquer ave.

Aquelas cabecinhas saltitan-  
tes, com seus olhos perplexos, ain-  
da hoje me assombam.

**Enéas Athanázio é escritor,  
advogado e Promotor de  
Justiça (aposentado). Reside  
em Balneário Camboriú (SC).**

# QUANTO VALE, MINAS? (E a história se repete)

Andreia Donadon Leal

**Q**uanto vale, Vale? Quanto vale: sobrecarga de rejeitos? Quan-  
to vale: ruptura de barragens? Quanto vale: tsunami de lama  
tóxica? Quanto vale: desespero? Quanto vale: terror? Quanto  
vale: vale de dores? Quanto vale: vale verde? Quanto vale: mal súbito?  
Quanto vale: centena de casas destruídas? Quanto vale: punhado de  
feridos? Quanto vale: ser terrestre? Quanto vale: ser aquático? Quanto  
vale: desabrigados? Quanto vale: número de desaparecidos? Quanto  
vale: número de mortos? Quanto vale: enxurrada de lágrimas laborio-  
sas? Quanto vale: cachoeira de lágrimas dolorosas? Quanto vale: pe-  
nhasco? Quanto vale: árvore? Quanto vale: nascente? Quanto vale: flor?  
Quanto vale: fruto? Quanto vale: animal? Quanto vale: plantação? Quan-  
to vale: atividade pesqueira? Quanto vale: água? Quanto vale: rio? Quan-  
to vale: Rio Paraopeba? Quanto vale: impacto socioambiental? Quanto  
vale: abalo sísmico? Quanto vale: abalo cínico? Quanto vale: desculpa  
esfarrapada? Quanto vale: empurrar com a barriga? Quanto vale: desa-  
mor ao próximo? Quanto vale: mutirão solidário? Quanto vale: ação hu-  
manitária? Quanto vale: enxurrada noticiosa? Quanto vale: pânico? Quan-  
to vale: união de mãos? Quanto vale: espírito de salvadores? Quanto  
vale: coragem da população? Quanto vale: povo unido? Quanto vale:  
tristeza compartilhada? Quanto vale: vale de deprimidos? Quanto vale:  
minério de ferro? Quanto vale: matéria tóxica? Quanto vale: matéria plás-  
tica? Quanto vale: metal pesado? Quanto vale: aviso sonoro de evacua-  
ção? Quanto vale: estratégia de salvamento? Quanto vale: população?  
Quanto vale: dependência? Quanto vale: ficar de braços fechados?  
Quanto vale: ficar com o coração na mão? Quanto vale: taquicardia?  
Quanto vale: negligência? Quanto vale: omissão? Quanto vale: troca de  
favores? Quanto vale: ouvido tampado? Quanto vale: boca serrada?  
Quanto vale: grito entalado na garganta? Quanto vale: conselho não ou-  
vido? Quanto vale: fazer vista grossa? Quanto vale: enlamear a paisa-  
gem? Quanto vale: fingir fiscalização? Quanto vale: novo imposto? Quan-  
to vale: alimentar máquinas administradoras? Quanto vale: sangrar a  
terra? Quanto vale: tirar o couro dos trabalhadores? Quanto vale: suor  
alheio? Quanto vale: memória destruída? Quanto vale: patrimônio? Quanto  
vale: sumir do mapa? Quanto vale: mudar histórias? Quanto vale: inter-  
resse por lucros? Quanto vale: commodity? Quanto vale: uma classe de  
políticos ignorantes? Quanto vale: ignorar a ciência? Quanto vale: igno-  
rar a Lei? Quanto vale: a Deus dará? Quanto vale: mudar de vida? Quanto  
vale: indenização? Quanto vale: enganação? Quanto vale: desculpa es-  
farrapada? Quanto vale: submissão? Quanto vale: brecha na licença  
ambiental? Quanto vale: leniência na legislação? Quanto vale: multa?  
Quanto vale: acumular rejeitos? Quanto vale: desertificar vale verde?  
Quanto vale: investigar? Quanto vale, MINAS?

**Andreia Donadon Leal é poeta, artista plástica, cronista, Mestre  
em Literatura pela UFV, autora de 15 livros e membro efetivo da  
Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais.  
Reside em Mariana (MG).**

## Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

**Trabalhista - Cível - Família**

**R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo  
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br**

# Sem Brumas

Rosani Abou Adal

O povo de Brumadinho não teve tempo de piscar os olhos, de garimpar seus sonhos, de ver o rio pela última vez com vida, peixes, água... Entre lamas, minérios e rejeitos, o Paraopeba assistiu a morte dos animais, da flora e fauna, do seu rio e da sua gente. Sem passaporte para despedida, a Vale e sua lama devastaram a vida do rio, da terra, dos animais e do povo de Brumadinho. O córrego do feijão, num sopro, deixou órfãs as brumas de Rola-Moça e Moeda.

Rosani Abou Adal é escritora, poeta, jornalista, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo. [www.poetarosani.com.br](http://www.poetarosani.com.br)

## QUANTO VALE?

Dinovaldo Gilioli

De Mariana e Brumadinho levaram minério e grana

Ao povo deixaram morteferrolama

Dinovaldo Gilioli é escritor, poeta e ativista cultural.

## Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão

Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716

Cel.: 97382-6294

soninhaabou@gmail.com

# REDES E INTERLOCUÇÕES NA INSTIGANTE POESIA DE PEIXE-PAPIRO, DE BEATRIZ H. RAMOS AMARAL

Cecília Almeida Salles

**Q**ual é a investigação poética de Beatriz H. Ramos Amaral que tanto nos atrai em *Peixe Papiro*? Os amantes da poesia aprendem com o tempo de exposição às imagens poéticas que estas são responsáveis por inesgotáveis associações. Devaneios tão bachelerianos! A construção de tais imagens está no poder de colocar a palavra lado a lado sem a possibilidade do leitor prever o que vem a seguir. É o que sentimos, por exemplo, em “a mão extrai fuligem / das sílabas”, no poema *A Lápis*, de Beatriz Amaral.

O que marca a singularidade de cada poeta é a natureza de suas imagens, ou seja, o seu campo de exploração. Por outro lado, o que caracteriza o leitor de um poeta é como o lê - o que o atrai. Isto é que leva à pergunta: qual é a investigação poética de Beatriz que tanto nos atrai em *Peixe Papiro*?

Para mim, é instigante vivenciar suas afirmações como na “hipótese de concha e tempo” ou em seu pedido “que a luz teça a hipótese da sílaba”. Hipóteses poéticas que são experimentadas por meio de seu labor com a palavra, em complexas e belas homenagens à língua, como no “portal de anáforas / um guia de vírgulas enrubescce a língua”

A poesia de Beatriz H. R. Amaral fala também de interlocuções responsáveis pela ex-

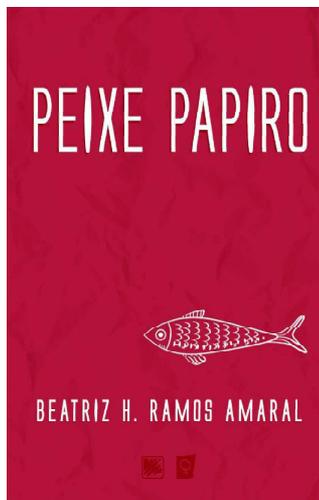
tremamente densa trama de sua rede de criação sob a forma de citações como em *Latência*: “na cauda de um / compasso, em seu lance de dados”, além das belas homenagens à Olga Savary, a Augusto de Campos e a Haroldo de Campos, seus tão respeitados amigos.

Ao mesmo tempo, não dá para deixar de acompanhar com atenção o modo como a poeta se relaciona com a natureza. Convivemos com a poesia tirada dos musgos, mares, riachos, lagos e peixes. Na “pera escrita sem moldura / como fruta”, vivemos sensações semelhantes à potência da estaticidade das frutas com moldura de Paul Cézanne.

Enquanto que no lindo poema sobre a *Matéria*, Beatriz H. Ramos Amaral vive a incansável busca pela essência, que me fez lembrar a angústia de Alberto Giacometti diante de

suas limitações em seu modo de conhecer o mundo: a total impossibilidade de ver algo como se nunca tivesse visto antes.

Cabe a você leitor de *Peixe Papiro* encontrar seu caminho em meio a esses poemas tão intensos e cativantes.



Cecília Almeida Salles é ensaísta, Professora Titular do Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e Coordenadora do Centro de Estudos de Crítica Genética da PUC - CECG.

## Débora Novaes de Castro

**Poemas:** GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

**Poemas Devocionais:** UM VASO NOVO...

**Trovas:** DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

**Haicais:** SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS



**Antologias:**

**Poemas:** II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

**Trovas:** II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

**Haicais:** II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



**Opções de compra:** 1. [www.deboranovaesdecastro.com.br](http://www.deboranovaesdecastro.com.br), LIVROS.

2. E-mail: [debora\\_nc@uol.com.br](mailto:debora_nc@uol.com.br) 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

## SEM TERRA

Sonia Sales

No caminho dos ventos de agosto  
espalhando as cinzas de Zeus  
sentinelas da burguesia  
seguem a rota dos leigos  
pensando em ganhar o mundo,  
dos deuses o poder.  
Tentando furtar segredos  
daqueles que já se foram  
os pés descalços, famintos  
abandonados, sem terra.

Sonia Sales é escritora, poeta, historiadora e membro da Academia Carioca de Letras.

## A PARTIDA

Raymundo Farias de Oliveira

A mala, o violão, o apito do trem...  
Estremeci! Não é fácil partir!  
Na mala de papelão repousavam  
minhas poucas peças de roupas  
que minha mãe arrumou carinhosamente  
sem conseguir conter as lágrimas...  
No violão, escondidas no seu bojo,  
um turbilhão de lembranças afagando  
as serenatas que fiz com diletos amigos  
em calmas madrugadas enluaradas...  
E agora o apito triste do trem  
me avisando que o quintal de minha infância  
ficava definitivamente para trás  
e que nunca mais eu ouviria  
o canto estridente do galo  
que me acordava todas as manhãs...  
Nunca mais!

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta e procurador do estado aposentado.

### DECLARAÇÃO

Teresinka Pereira

Vivo em desacordo  
com minha raça  
com meu país  
com meu exílio  
com meu ambiente  
com meus amigos  
com as horas do dia  
com os preços do mercado  
com a bolsa de valores  
com todas as igrejas  
e todos os votantes  
e com o planeta.

Teresinka Pereira é escritora, poeta e presidente da International Artists and Writers Association.

### DICHIARAZIONE

Traduzione per  
Giovanna Guzzardi

Vivo nel dissenso  
con la mia razza  
con il mio paese  
con il mio esilio  
con il mio ambiente  
con i miei amici  
con il tempo in cui sono nata  
con i prezzi di mercato  
con il mercato azionario  
con tutte le chiese  
e tutti i cittadini votanti  
del pianeta.

### BRUMADINHO UMA CATÁSTROFE FABRICADA

Odette Mutto

Houve omissão geral na catástrofe em Brumadinho. O poder público nas três esferas: federal, estadual e municipal e a Vale menosprezaram o risco representado pelas barragens que abrigam os rejeitos das mineradoras. As inspeções foram falhas por todos quantos as executaram. O sistema das barragens está ultrapassado há muitos anos. As leis nacionais, primeiras responsáveis pelo seguro funcionamento destas estruturas, são, no mínimo, fracas, não protegendo o elemento humano nem o meio ambiente; vulneráveis a desastres, cujas proporções estamos assistindo dolorosamente. Tivemos outro episódio, em Mariana, parecido com o de Brumadinho, sendo a Samarco responsável pela barragem que ruiu ocasionando dezenove óbitos, número pequeno se comparado aos cento e sessenta e seis já contabilizados em Brumadinho. A Lei diz: "colocar em risco a vida humana é crime, sujeito a punição e cadeia". Senhores da Justiça, cumpram com a vossa obrigação, punam os culpados sejam eles quem forem...

Odette Mutto é escritora e dentista.

## Convite

O autor convida você para o lançamento da obra "Ela me tira pra dançar", do prof. Jorge Claudio Ribeiro (PUC-SP), pela Editora Patuá.

O evento se realizará dia 12 de março, terça-feira, das 18h às 21h, na Casa das Rosas, à Avenida Paulista, 37 (Paraíso; tel. 3285.698). Entrada franca.

Seja bem-vinda(o)!



Produção



Apoio

POIESIS  
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE ESTUDOS



SÃO PAULO  
GOVERNO DO ESTADO  
Secretaria de  
Cultura e Economia Criativa

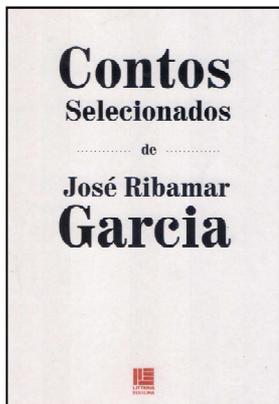
## Livros

**Caricaturas do Xavi**, de Xavier (Sebastião Xavier de Lima), Editora Pantemporâneo, São Paulo (SP), 56 páginas. ISBN: 978-85-62402-21-0. A capa abriga autocaricatura com Madoninha.

O autor é caricaturista, artista plástico, comunicador visual, ilustrador, cenógrafo, fotógrafo e figurinista. Colaborador e criador do logotipo e selos do jornal *Linguagem Viva*.

A obra abriga caricaturas, criadas por Xavi, de Bibi Ferreira (primeira página), Adoniran Barbosa, Ayrton Senna, Alceu Valença, Aldemir Martins, Amy Winehouse, Angela Merkel, Angelo Agostini, Antonio Abujamra, Antonio Banderas, Antony Hopkins, Ariano Suassuna, Ary Fontoura, Barak Obama, B. B. King, Betinho, Cartola, Chaplin, Chaves, Chico Buarque, Chico Mendes, Claude Debussy, Confúcius, Dalai Lama, Djanira, Dominginhos, Francisco Baratti, Henfil é a mãe, Joaquim Barbosa, José Mojica, José Serra, Kenichi Kaneko, Luis Fernando Veríssimo, Machado de Assis, Man Ray, Manoel de Barros, Marta, Mazzaropi, Mercedes Sosa, Michael Phelps, Monet, Oscar D'Ambrosio, Papa Francisco, Picasso, Pissarro, Pixinguinha, Portinari, Rainha Elizabeth II, Ronie Von, Silvio Santos, Tomie Ohtake, Usain Bolt, Valdir Rocha, Wagner Moura e de Xavier.

**Xavi:** <http://xaviardelima1.wixsite.com/xavi>  
[xaviardelima1@gmail.com](mailto:xaviardelima1@gmail.com)



**Contos Seleccionados de José Ribamar Garcia**, de José Ribamar Garcia, organizado por Francisco da Cunha e Silva Filho, Litteris Editora, 216 páginas, Rio de Janeiro (RJ).

ISBN: 978-85-374-0359-4

O autor é escritor, advogado, contista, ficcionista, romancista, jornalista e membro da Academia Piauiense de Letras.

Segundo Francisco da Cunha e Silva Filho, no prefácio da obra: "Este amplo espectro de figuras humanas é que dará configuração aos elementos da narrativa no que diz respeito à combinação deles com os temas e os enredos de que constituirão as narrativas de Garcia. A eles também se agregarão outros componentes decisivos:

o tipo de técnica usada na elaboração dos contos e seu elemento propulsor e inarredável, i.e., a linguagem literária."

**Litteris Editora:** [www.litteris.com.br](http://www.litteris.com.br)

## Rosani Abou Adal

Seus poemas foram traduzidos para o francês, inglês, espanhol, italiano, húngaro e grego.

[www.poetarosani.com.br](http://www.poetarosani.com.br)

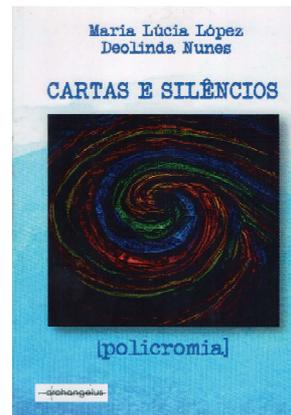
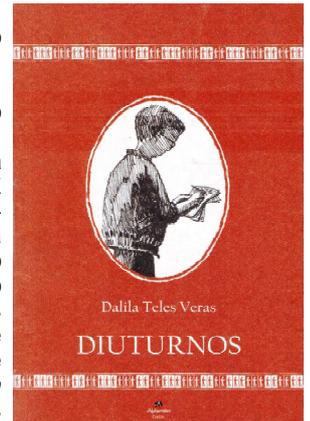
**Diuturnos**, de Dalila Teles Veras, Alpharrabio Edições, 120 páginas, Santo André (SP).

A capa é de Guedo Gallet e Isabela A. T. Veras. Os desenhos são de Guedo Gallet.

A autora, natural da Ilha da Madeira (Portugal), reside no Brasil desde 1957. É poeta, escritora, cronista, ensaísta e animadora cultural. Dirige, desde 1992, a Alpharrabio Livraria e Editora, em Santo André (SP). Desde 2007 coordena o Fórum Permanente de Debates Culturais do Grande ABC. Colabora em jornais e revistas do Brasil e do exterior. Autora de *Palavraparte*, *Elemento em Fúria*, *À Janela dos Dias - poesia quase toda*, entre outras importantes obras.

Segundo Rosana Chrispim, na orelha do livro: "Penso que boa parte do valor desta obra reside na postura observador/sujeito / observador da poeta inserida, engajada, comprometida (compromissada, gosto mais), montando um mosaico do espaço tempo que bem pode ser qualquer um, posto que a sua transgressão a faz universal."

**Alpharrabio Edições:** [alpharrabio@alpharrabio.com.br](mailto:alpharrabio@alpharrabio.com.br)

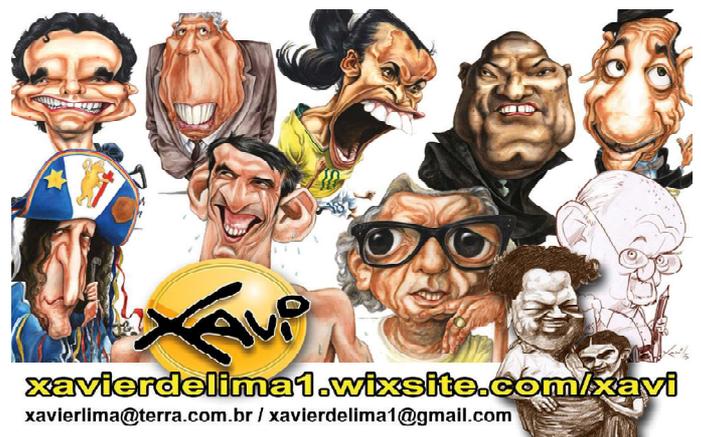


**Cartas e Silêncios [policromia]**, poemas e cartas de Maria Lúcia López e Deolinda Nunes, Edições Archangelus, São Paulo (SP), 130 páginas. ISBN: 978-85-85059-02-6.

Maria Lúcia é escritora, poeta, artista plástica e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e da Academia de Letras dos Professores da Cidade de São Paulo. Deolinda é escritora, poeta e professora.

A obra, com prefácio de Benilson Toniolo, reúne 40 poemas de cada uma das autoras, cartas e poemas escritos em duas mãos. O desenho da espiral da capa foi feito pelas poetisas. As autoras acreditam que "poesia é movimento traduzido por sons e silêncios. Poesia é policromia, soma, ciranda."

**Maria Lúcia López:** [estrelopez@hotmail.com](mailto:estrelopez@hotmail.com)  
**Edições Archangelus:** [edicoesarchangelus@gmail.com](mailto:edicoesarchangelus@gmail.com)



[xaviardelima1.wixsite.com/xavi](http://xaviardelima1.wixsite.com/xavi)  
[xaviellma@terra.com.br](mailto:xaviellma@terra.com.br) / [xaviardelima1@gmail.com](mailto:xaviardelima1@gmail.com)



Andreia Donadon Leal

**Andreia Donadon Leal** foi nomeada Delegada da Academia Portuguesa de Ex-Líbris no Brasil. É a primeira mulher a ocupar o cargo. A criadora da aldravia - primeira forma de poesia brasileira - é poeta, artista plástica, cronista, colaboradora do *Jornal Linguagem Viva*, Mestre em Literatura pela UFV, autora de 15 livros e membro efetivo da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais.

**Andreia Donadon Leal e José Benedito Donadon Leal**, poetas aldravistas da cidade de Mariana (MG), foram convidados para a FLIPOÇOS, que será realizada de 27 de abril a 5 de maio, em Poços de Caldas (MG). A oficina de aldravias será no dia 3 de maio, sexta-feira, às 14h30, na Biblioteca Museu. [www.flipocos.com](http://www.flipocos.com)

**A II Feira do Livro da Unesp** será realizada de 10 a 14 de abril, das 9h às 21h, no campus da Unesp em São Paulo (ao lado da estação Palmeiras-Barra Funda do Metrô), Av. Jornalista Aloysio Biondi, 556, em São Paulo.

**Machadiana Eletrônica**, revista editada por Alex Sander Luiz Campos e José Américo Miranda, lançou o número 2 do volume 1 que abriga crônicas publicadas por Machado de Assis em 1894, na série *A Semana de Gazeta de Notícias*, editadas e anotadas por John Gledson. [periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867](http://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867)

**Políbio Alves** lançou o livro de poemas *Acendedor de Relâmpagos*, pela Arriabaçã Editora, com apoio da Fundação Casa de José Américo, Av. Cabo Branco, 3336, Cabo Branco - João Pessoa (PB).

**A Editora Melhoramentos** lançou *Fartura - Expedição Brasil Gastronômico*, volumes 4 e 5, de Rodrigo Ferraz e Rusty Marcellini. As obras foram finalistas do *Gourmand World Cookbook Awards* - a maior premiação internacional de livros de gastronomia.

**O II Festival Nacional de Poesia Beagá Psiu Poético**, que será realizado de 14 a 18 de março, em vários espaços da cidade de Belo Horizonte (MG), contará com a participação de poetas de diversas partes do país. O evento é uma extensão do Psiu Poético, que é realizado em Montes Claros (MG) há 32 anos ininterruptos. O projeto, idealizado pelo poeta João Aroldo Pereira, é realizado pelo Grupo de Literatura e Teatro "Transa Poética". Já estão confirmadas as participações de Noélia Ribeiro, Rômulo Ferreira, Bruno Candéas, Olívia Ikeda, Míria Gomes de Oliveira, Jovino Machado e Marcelo Dolabela, Artur Gomes, Deomídio Macedo, Paulo de Barros e Elcio Lucas, Karla Celene Campos, Márcio Moraes e Tânia Fraga. A Bicicletada do Beagá Psiu Poético, programada para o dia 17 de março, domingo, irá da Praça da Liberdade à Praça Afonso Arinos. Será encerrada com um Recital de Poemas no Parque Municipal. [facebook.com/psiupoeticomoc](http://facebook.com/psiupoeticomoc)

**A Sesi-SP Editora** publicará a obra completa de Monteiro Lobato que entrou em domínio público no dia 1 de janeiro desse ano. Serão lançados 27 títulos, com projeto gráfico da coleção de Raquel Matsushita, com ilustrações dos artistas brasileiros Psonha, Guazzelli, Mariana Massarani e Ionit Zilberman.

**Gláucia Gonçalves**, da Uni Duni Editora, é a nova presidente da Câmara Mineira do Livro para o biênio 2019/2020, sucedendo Rosana de Mont'Alverne Neto da Aletria.

**Leitura & Resistência**, projeto com a finalidade de estimular a leitura e a formação de leitores, realizou de 4 a 12 de fevereiro, em Goiânia (GO), uma programação com oficinas, debates e uma intervenção urbana, intitulada *#PovoQueLê*, que apresentou uma vigília de 24 horas de leitura.

**Os Fantasmas Inquilinos**, obra com seleção de Mariano Marovatto que apresenta a carreira e os poemas publicados em livro de Daniel Jonas, foi lançada pela Editora Todavia.

## Notícias

**Leda Campestrin e Antonio Costella** apresentam Mostra de suas Xilogravuras até o dia 31 de março, no Museu Casa da Xilogravura, em Campos do Jordão (SP). Leda Campestrin Costella é professora e diretora técnica do Museu e Antonio Costella é professor, jornalista, escritor, artista plástico e diretor geral do Museu. Participam de exposição temporária, até o dia 31 de março, as artistas KAMILA VASQUES e DENISE Müller. O Museu Casa da Xilogravura funciona de quinta a segunda-feira, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, na Av. Eduardo Moreira da Cruz, 295, Bairro Jaguaribe, em Campos do Jordão (SP). [www.casadaxilogravura.com.br](http://www.casadaxilogravura.com.br) Tel.: (12) 3662-1832.

**A Câmara Brasileira do Livro** realizará eleições para nova Diretoria, em Assembleia Geral Ordinária, para o biênio 2019/2020, no dia 26 de fevereiro, terça-feira, na sede da entidade. Apenas uma chapa foi inscrita. A entidade será presidida por Vitor Tavares (Livreria Loyola). [www.cbl.org.br](http://www.cbl.org.br)

**A Editora & Gráfica Heliópolis** lançou seis títulos escritos por moradores da comunidade de homônima, com o apoio da EcoQuality que doou mais de 30 mil folhas de papel sustentável para viabilizar a produção dos livros. Foram lançados *Meu canto em 83 poemas*, de Paulo Rams, *Existência Ilimitada*, de Edson Fernandes, *Não diga que digo verdades*, de Fagner Araújo, *Melissa*, de Paulo César Marciano, *Imagine como é*, de Rubê Limeira, e *Tem cordel no Helipa*, de um grupo de alunos da ETEC Heliópolis. O projeto visa lançar 50 obras até o final do edital que contemplou a iniciativa. Tem como objetivo promover a difusão da leitura na comunidade, com diversos eventos e concursos culturais; bem como estimular a escrita, a leitura, a reflexão e o senso crítico.

**A Livreria Madalena**, primeira loja especializada em livros de fotografia de São Paulo, mudou para novo endereço para a empresa Visual Print, Rua Girassol, 323, em Pinheiros, São Paulo (SP). A livreria, idealizada pelo fotógrafo latã Cannabrava, abriga um acervo com mais de 600 títulos de editoras nacionais e internacionais.

**A Fundação José Saramago**, em Lisboa, realiza o encontro *Fronteiras Literárias*, de 21 a 25 de fevereiro, com o objetivo de reunir escritores brasileiros residentes no exterior para discutir temas ligados à literatura diaspórica, como a influência da extraterritorialidade e do deslocamento na vida e na produção literária dos mesmos.

O projeto, idealizado pela professora Else Vieira, da Queen Mary University, de Londres, em parceria com a Universidade Federal de Juiz de Fora, tem como co-organizadores os escritores brasileiros Andreia Zamorano e Ronaldo Cagiano.

O encontro conta com a presença, dentre outros, de Nélida Piñon, Guiomar de Grammont, Eltânia André, Everardo Norões, Vera Lúcia de Oliveira, Kátia Gerlach, Virna Teixeira, Marta Barbosa Stephens, Márcia Camargos, Edmilson de Almeida Pereira, Prisca Agustoni, Maurício Vieira, Júlio Silveira e Álvaro Filho.

**O Escritório de Direitos Autorais no Rio de Janeiro** da Fundação Biblioteca Nacional está com novo horário de atendimento, das 10 às 16 horas, de segunda a sexta-feira. O registro de direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, tem como finalidade dar ao autor segurança quanto ao direito de criação sobre sua obra; bem como especificar direitos morais e patrimoniais e estabelecer prazo de proteção tanto para o titular quanto para seus sucessores. O escritório de representação de São Paulo, com mesmo horário de funcionamento, fica na Alameda Nothmann, 1058. Tel.: (11) 3825-5249. <https://www.bn.gov.br/servicos/direitos-autorais>

**O Centro Literário de Piracicaba** realizará reunião no dia 23 de fevereiro, sábado, das 15h às 17h, na Biblioteca Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, Rua Saldanha Marinho, 333, Centro, Piracicaba (SP). Em março, a reunião será realizada no dia 30.

**O Grupo Oficina Literária de Piracicaba** realizará reunião no dia 6 de março, quarta-feira, das 19h30 às 21h30, na Biblioteca Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, Rua Saldanha Marinho, 333, Centro, Piracicaba (SP).